UCLA
Mester

Title

Tradiçoes translocas? ReXistẽncias nas performances culturais do Boi Estrela em Quixeramobim-Ceará/Brasil1

Permalink

https://escholarship.org/uc/item/0w95t1fz

Journal

Mester, 53(0)

Author

Oliveira Junior, Ribamar José de

Publication Date

2025-05-15

DOI

10.5070/M3.38035

Copyright Information

This work is made available under the terms of a Creative Commons Attribution-NonCommercial License, available at https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/

Peer reviewed

eScholarship.org Powered by the California Digital Library
University of California

Tradições translocas? ReXistências nas performances culturais do Boi Estrela em Quixeramobim-Ceará/Brasil[1]

Ribamar José de Oliveira Junior
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Sensibilidades *queer* e cultura popular no Nordeste do Brasil

Neste artigo, discuto a resistência *queer* a partir da tradição do Boi na cultura popular do Reisado no estado do Ceará, região Nordeste do Brasil. Para isso, trago uma das passagens da cartografia (Rolnik 20) que desenvolvi na minha pesquisa de tese, durante 2020 até 2024, quando percorri 21[2] cidades cearenses acompanhando performances da tradição de Reisados a partir do registro em cada localidade e da presença de brincantes LGBTQIAPN+[3] nos grupos (Oliveira Junior e Fortes 2019). Nesse caso, irei trazer notas da minha passagem pela cidade de Quixeramobim, região do Sertão Central no estado, que ocorreu em 2022 com o grupo Boi Estrela do Mestre Piauí (*in memoriam*). A partir da presença da sua neta, a artista Laura Karielly, penso a resistência *queer* pelos saberes trans nas tradições que herdam a cultura ao longo do tempo e a perfazem pelo gênero em cena. No caso, penso que há uma forma de performar a cultura popular que se aproxima da ideia de um "artivismo brincante", pela forma como os artistas se reconhecem na cena, visto através da relação entre a performance artística e a performance de gênero.

Dessa forma, considero como ponto de partida a premissa benjaminiana de escovar a história a contrapelo (Benjamin 225), tendo em mente a historicidade da tradição e os papeis de gênero que envolvem o seu fazer. Não busco hierarquizar a performance cênica e/ou a performance de gênero, mas percebê-las como constitutivas dessa experiência estética e desses corpos que se enredam nos sentidos da

tradição em partilha, na busca por fazer "ver quem pode tomar parte no comum em função daquilo que faz, do tempo e do espaço em que essa atividade se exerce" (Rancière 16). Assim, problematizo como essas experiências diante de uma "estética da existência" (Foucault 198) e penso que essas performances desencadeiam um devir sensível (Deleuze e Guattari 213) no corpo brincante.

Ao pensar na fabricação do folclore e da cultura popular nordestina, proponho uma reimaginação da cartografia tecida na obra *Teatro como encantamento: bois e caretas do Ceará* (2013) do teatrólogo Oswald Barroso que desenvolve a ideia de "teatro como encantamento", mas pouco discute as questões de gênero e sexualidade nessas tradições, justamente quando o ato de encantar remete ao momento em que os artistas/brincantes se encantam para incorporar um tempo cósmico e uma figura lúdica e se desencantam para retornar à vida cotidiana. Assim, vale pensar sobre quais "relações de poder estamos reproduzindo sempre que repomos as imagens e textos, sempre que relançamos estas manifestações culturais que são ditas como sendo nordestinas" (Albuquerque Junior 22). Se os saberes transmitidos entre as gerações mostram que "a tradição é uma forma de comunicação no tempo" (Sodré 109), seria possível pensar no que quer dizer afeto *queer* (Lopes 1) ao longo dessa temporalidade em performance? Como uma forma de abrasileira o pensamento *queer*, me aproprio da ideia dos "estudos trasviados" (Bento 131) para pensar nessa relação através da resistência de um possível "Reisado transviado", como um deslocamento de uma "nova" sensibilidade emergente na tradição (Cardoso 2016).

Como uma chave de leitura para pensar as artes das dissidências sexuais e de gênero, aposto na resistência pela alegria como possibilidade para pensar essas performances de tradição. "Uma possível chave de leitura que surge dessa cena é a ideia de resistência, palavra muito usada por várias artistas e sobre a qual eu gostaria de lançar aqui apenas algumas reflexões iniciais" (Colling 15). Assim, de que forma as sensibilidades hegemônicas organizam os sentidos da tradição e como apreender essas sensibilidades emergentes pelas performances por um olhar *queer* relacional à resistência na cultura popular? Assim, vejo reluzir no grupo Boi Estrela a possibilidade de escavar a presença trans nas tradições de Bois no Ceará, principalmente, em uma linhagem de

"atualizar o passado a partir de uma perspectiva *queer*" (Lopes 127). Se a brincante Laura Karielly performa em memória ao seu avô, Mestre Piauí, que fazia do Boi Estrela uma forma de encenar a sua arte ao longo do tempo, considero que existe uma "ReXistência" (Grunvald 6) *queer* enredada por uma estética do encantamento, de um corpo que se encanta para não só encenar um tempo outro, mas reivindicar uma ancestralidade transloca (La Fountain-Stokes 26).

Boi do Mestre Piauí em Quixeramobim no Ceará



Figura 1: Ponte Metálica de Quixeramobim–Quixeramobim | Ribamar Oliveira, 2022

No ônibus da comunidade de Boa Água do distrito de Cipó dos Anjos em Quixadá, eu me despeço do Mestre Chico Emília do Boi Coração e sigo estrada para Quixeramobim. Embarcado às 5h, chego na Praça do Cruzeiro e me informo que deveria pegar um transporte para a cidade vizinha, que fica a 43km, no terminal rodoviário por onde havia chegado naquela passagem anterior do campo de pesquisa, pois lá existiriam transportes de Quixadá para Quixeramobim a cada 30min. Apesar do Mestre Chico Emília ter tentado fazer contato com a Mestra Nena, filha do Mestre Piauí, pelo Facebook, ele não teve retorno das mensagens pela ausência da conexão de internet que havia caído em Boa Água devido a uma grande chuva. Desço do ônibus do motorista Elias e sigo caminhando até a rodoviária. A primeira topique saiu de Quixadá às 6h da manhã. Sentado em um dos bancos do passageiro penso como farei para encontrar a casa do Mestre Piauí somente com a informação que eu havia anotado de um dos livros que o Mestre Chico Emília possuía no seu museu/memorial. Na página 57 do *Livro dos Mestres–O Legado dos Mestres, Cultura e Tradição Popular no Ceará* (2017), organizado pela jornalista Dora Freitas e pela historiadora Sílvia Furtado, encontro em um pequeno relato da viagem o endereço onde a família de Mestre Piauí possivelmente moraria, no bairro Alto da Colina. A viagem de Quixadá para Quixeramobim dura cerca de 40min e ao descer no terminal rodoviário, diversos mototaxistas recebem os passageiros oferecendo serviço de transporte.

Um deles me olha e pergunta para onde vou. Digo que preciso chegar à casa do Mestre Piauí e ele já entrega o capacete na minha mão, dizendo que sabe onde fica a rua no Alto da Colina. Seguimos viagem, era próximo das 7h da manhã. Durante o caminho, ele pergunta o que estou indo fazer lá, se conheço Nena ou Vandim, os filhos do Mestre Piauí. Digo que de nome apenas conheço Nena. O mototaxista Cícero fala que foi triste a morte do Mestre Piauí e se refere a ele como se ainda estivesse vivo na viagem. Do asfalto plano para ruas íngremes de terra, chegamos em pouco mais de 10min na casa verde de portão aberto, onde se via no corredor uma mulher varrendo. Anoto o número do mototaxista, ele se dispõe a me pegar de volta quando eu acabasse a entrevista e me deseja um bom trabalho. A rua estava vazia ainda. Algumas galinhas ciscavam perto da calçada e diversas plantas enfeitavam a frente da casa. Suspeito que a

mulher varrendo o corredor da casa seja Mestra Nena. Bato três palmas na porta, ela não percebe que eu havia chegado por estar ouvindo o rádio no volume alto. Bato mais três palmas. Ela me vê, abaixa o som, coloca a vassoura no canto da parede na sala e me dá bom dia.



Figura 2: Nena mostrando seu traje no Reisado do Mestre Piauí–Quixeramobim | Ribamar Oliveira, 2022

Era o dia 21 de janeiro de 2022, às 8h15min, quando encontrei Nena na porta da casa do Mestre Piauí. Quando me apresento, ela pergunta se quero um café e pede que eu sente no sofá. Ela senta no braço esquerdo do sofá, cruza as penas e fala do seu pai com emoção. Francisca das Chagas Ferreira da Silva, mais conhecida por Nena, tem 47 anos e trabalha como musicista na noite boêmia de Quixeramobim. Ela conta que o grupo Boi Estrela–em que se apresenta como tocadora, só que mais recentemente como Mestra, por seguir a tradição do seu pai que faleceu aos 80 anos no dia 18 de março de 2019–surgiu através do Mestre Piauí, Antônio Batista da Silva, que começou a brincar aos 12 anos de idade em 1951. Nena diz que desde pequena acompanhava ele, quase sempre tocando violão no seu

grupo. Hoje, ao lado do seu irmão, Mestre Vandim, tenta manter a tradição conforme o desejo do pai: não acabar o grupo. Assim, ela faz questão de dizer que fez a matança do Boi no último dia 6 de janeiro de 2023, mas considera que não faz o que o pai fazia. "Ele tirava de novembro até janeiro andando nas casas, quando não tinha casa pra brincar, ele saia na noite tirando Reis pedindo, né? Pedindo ajuda pra fazer o encerramento, já nós não fizemos isso aí, o máximo que brincou foi umas 4 casas e andemos na rua só uns 2 dias, fizemos aquele apurado e o encerramento deles agora dia 6 de janeiro, teve a matança, o almoço pra eles aqui em casa", conta ela olhando para a porta.

Diferentemente dela, Francisco Edvânio Ferreira da Silva, mais conhecido como Vandim, aos 45 anos, começou a brincar depois não como Mestra Nena desde criança. Ele cursava o Curso Técnico em Agronomia no Instituto Federal do Ceará (IFCE), antigo Colégio Agrícola, em Crato, e somente depois de três anos voltou para Quixeramobim, cantando com Nena nas serestas boêmias. Pelo que a lembrança recorda, Nena diz que o seu pai aprendeu o Reisado com o Mestre Antônio de Maria Águia entrando no folguedo ainda menino. Na época, ela diz que não se chamava de Mestre, eram pessoas interessadas na cultura do Reisado. O que nos mostra indícios temporais de como a tradição se ramifica pela ativação afetiva do corpo e principalmente como forma de comunicação ao longo do tempo (Sodré 109). A sua figura sempre esteve atrelada ao som, ela sempre tocou seus instrumentos na orquestra do Reisado. "Toda vida eu toquei violão e ajudo meu irmão a cantar, fazer uma segunda voz, meu irmão faz a primeira, né? Ele canta na cabeça do Boi, eu faço a segunda voz e a garotada respondendo, fica muito baixo pra responder e eu ajudo a cantar no microfone com ele a resposta", explica. Ao todo são 4 instrumentos em cena, zabumba, triângulo, contrabaixo e violão, podendo às vezes colocar um pandeiro ou tambor e até mesmo prato, como ela compara com os Reisados da cidade de Crato que possuem bandas às vezes. Ela fala que o seu grupo é tipo uma banda, mais musicado do que os outros. Há 30 anos na noite como seresteira, ela sabe tocar diversos instrumentos pela influência do Mestre Piauí, que foi o primeiro a trazer música para dentro de casa.

Ela fala que sua mãe ainda sente muita falta do Mestre, no dia que fez a matança do Boi, ela chorou muito por lembrar exatamente como

Piauí fazia na Praça da Matriz. Entre choro de saudade e riso de esperança, ela fala que aquela noite pôde observar até mesmo os moradores da cidade em lágrimas pela ausência dele. Cantando na cabeça do Boi, como ela chama, Nena diz que a performance se faz com dois cordões de brincantes e a orquestra na frente. Hoje em dia, o grupo possui cerca de 8 brincantes, pois nunca o grupo está completo, podendo chegar até 20 brincantes, a depender da quantidade de pessoas interessadas. Ao todo, são 3 mulheres e ela diz que o grupo possui mais homens na cena, sendo todos da família. Quando digo que ela é a primeira mulher na posição de tocadora que eu encontro por essas caminhadas pelas cidades que possuem Reisado, ela se surpreende. "E é? Eu toco, além de tocar no Reisado do pai, tem as noites de seresta que a gente faz. A única mulher em Quixeramobim que toca é eu, o pessoal se admira, diz 'Ave Maria a Nena é a única mulher que toca seresta aqui'. Assim, tem alguns que faz uma 'zuadinha', não vou dizer que não tenha, mas pra fazer que nem eu, tocar as noites, sair pra tocar nos interior, onde chamar a gente eu vou, o pessoal se admira faz muito é se admirar", confessa.

No caso, Oswald Barroso no livro *Teatro como encantamento: bois e caretas no Ceará* (2013) destaca essa incorporação a partir de uma noção muito importante sobre o Reisado ser um teatro como encantamento, ou seja, uma performance em que o brincante se encanta para incorporar uma figura lúdica e um tempo cósmico e se desencanta no retorno ao cotidiano. Quase todos os brincantes performam na forma de Guerreiros ou Peregrinos que são liderados pelo Mestre que seria um tipo de guia nessa travessia. Em performance, os gestos são condicionados por uma série de movimentos que foram incorporados no cotidiano pela tradição herdada pela memória. No Crato, ela começou a tocar na antiga Churrascaria Choupana, onde hoje é o Banco Santander. Todas as noites de quinta-feira Nena tocava, somente depois quando Vandim aprendeu passou a tocar ela, voz e violão. Hoje, ela está há mais de 35 anos com esse trabalho noturno. Sem ainda ver o memorial do Mestre Piauí com as figuras e os trajes do grupo, digo a Nena que estou vindo da casa do Mestre Chico Emília e pergunto se assim como o grupo dele, o grupo dela não usa "brilho". Ela fala que diferente dele, ela usa muito brilho nos trajes, indo pegar no quarto uma das roupas que pertenceu ao Mestre Piauí para me mostrar. Ela fala mais o termo farda do que traje. "É como se fosse uma

farda mesmo. Tudo é azul. Essa daqui é da banda que é a que uso, a dos meninos já são umas roupas mais brilhosa que do cordão não tem nenhuma aqui, eu deixo as roupas com eles pra ninguém ficar atrás em cima da hora, às vezes o pessoal marca evento...". De repente Nena interrompe nossa conversa, sua mãe havia chegado na porta e conversava com alguém. "Ele veio falar do pai, mãe", me apresenta Nena.



Figura 3: Maria Piauí mostrando sua primeira foto com o Mestre Piauí–Quixeramobim | Ribamar Oliveira, 2022

"65 anos convivi com ele. Eu vou fazer 80, agora no dia 21 de março, se Deus não mandar o contrário", esta é primeira frase que Maria Piauí, aos 79 anos, me diz. Ela conta que se sente muito só depois do falecimento do Mestre Piauí porque como Nena vive de seresta, apenas uma cadela faz companhia para ela. Ao todo eram 9 irmãos, faleceram 2, ficaram 6, hoje brincam 3 no Reisado, Nena, Vandim e Tatá que toca zabumba. "Mas, quando meu bichinho era vivo, eram todos. Todo o conjunto era vivo". Nessa parte da conversa, Maria Piauí costura algumas linhas de vida que a Mestra Nena deixou solta pelas lembranças e acrescenta mais algumas informações, como a que o Mestre Piauí além de ter brincado com o

Mestre Antônio da Maria D'Águia, brincou com Mestre João Alfredo e o irmão compadre Chico, que ela chama de Chico Cobertura, conhecido por Boquita, que ainda é vivo. "Não é porque eu queira dizer que o meu cunhado não é caboco de Boi, mas como meu véi não tem não, só se nascer e se criar bem de pressa", lamenta Maria diante da fala de Nena, que reforça estar mantendo a tradição, mas não do jeito que o pai dela fazia.

No que diz respeito às famílias brincantes, Barroso (2013) explica que o elo entre os laços e a tradição aparece no apelido de algum ancestral famoso ou de alguma devoção a santos populares, situados por convivência ou ancestralidade. Maria Piauí conheceu o Antônio Batista quando ele ainda não era Mestre. "Eu comecei a gostar, ele andava nas casas de farinha, conheci ele no Reisado, foi atrás do Reisado, nunca na minha vida tinha namorado, ele passou no Reisado lá em casa, na Rua da Cruz, mas eu tinha 14 anos, era uma moça feita, ai ele passou cantando '*ô de casa, ô de fora'* [cantarola ao lado de Nena], pedindo esmola, né? Eu sai do lado dele, fui acompanhado em 3 casa, achei bonito, não tinha visto, saiu do cordão foi lá em casa, pediu água e perguntou se poderia falar comigo pela noite. Eu disse que podia, e aí comecei a namorar, foi o primeiro namorado e logo me casei. Casei com 16 e ele com 18, ficamos esse tempo todinho. Minha mãe não queria, porque só tinha eu, ela tinha muito ciúme de mim, mas o ciúme da mãe não roubou não criou-se não", conta ela. Há 16 anos nesse mesmo endereço, ela diz que Mestre Piauí faleceu ali, ele nunca gostou de médico. Sempre dizia "nome feio" quando ela o mandava ir. "'Ah porque a gente sente uma coisa...'. Ele dizia nome feio. 'Eu lá vou lá pra esse... 'baitola' [ela pede permissão para falar, talvez por assimilar que sou um], 'fi de uma égua'. Faça só um chazinho que passa já'", relembra Nena sobre os ditos do pai em relação ao cuidado com a saúde, ressaltando que sua morte foi muito rápida depois do diagnóstico do câncer, sem ao menos passar um mês acamado, ela supõe que talvez isso seja genético porque já morreram muitas pessoas na família da mesma doença.

A Mestra Nena se levanta, vai novamente no quarto e pega o chapéu do Mestre que hoje fica na cabeça de Vandim. O que me faz pensar na partilha sensível de cada objeto e sua força material de sensibilidade

(Cardoso 38). “A cara dele”, diz Maria. Por ter acompanhado o grupo desde que Piauí era novo, ela relembra que ele ouviu muita ofensa das pessoas antigamente quando ele passava pedindo a esmola, “esse magote de vagabundo” e fechavam as portas, dando muito “não”. Apesar de estar recente a morte do Mestre, ela não esquece do dia do velório, quando teve um grande bolo com uma despedida acompanhada de um grande paredão de som que fez cortejo na rua com as canções do Boi Estrela até o cemitério. “Ela sai pra ir tocar, eu fico. Eu penso, tenho uma foto grande, lá na beira da cama perto de mim, converso com ele, recomendo a ele, onde ele tiver, meu bem, a hora que Deus quiser... Eu rezo pra ele”, comenta Maria em tom choroso relembrando que todo domingo era dia de serenata, quando pegava o seu nome e fazia uma “zuadinha” cantando e dançando no quintal.



Figura 4: Memorial do Mestre Piauí–Quixeramobim | Ribamar Oliveira, 2022.

Hoje, o memorial do Boi Estrela que fica quintal da casa de Maria Piauí se tornou quase que uma pequena capela em homenagem ao Mestre Piauí, onde reúne fotografias, objetos pessoais, trajes, bichos e imagens de santos populares, a exemplo da Santa do Luzia e da Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Na frente do memorial, o nome "Doutor Mestre Piauí", pelo fato dele ter sido diplomado Tesouro Vivo da Cultura desde 2005, aparece ao lado de um desenho de um Boi coberto por uma capa que tem o nome escrito do grupo, "Boi Estrela" ao lado do nome do Mestre, "Doutor Mestre Piauí". "É diferente, nosso Reisado é diferente dos Reisado aí fora, como falei pra você, às vezes tem Reisado com zabumba e tambor e o nosso é tipo uma banda com toda aparelhagem de som. O pessoal começa é a dançar, o nosso é xote, baião, valsa e continua sendo a mesma coisa", conta Nena quando me apresenta cada bicho no memorial. Ela diz que antes do Mestre Piauí, apenas os homens brincavam e ele chamou uma moça para fazer o papel de Rainha, fez roupa e coroa. No grupo, além do Boi, do Bode, da Ema e da Burrinha, a performance conta com a presença dos Caretas, da Catirina e dos demais brincantes entre os irmãos, os primos, os sobrinhos e a neta. "O nosso não é puro Careta tem só dois Careta e a Catirina é um só, às vezes, tem muitos Reisado que só é Careta e assusta as criança, tudo com a cara coberta, certo que cada qual faz seu jeito de brincar, mas assusta e o Reisado que a gente faz muita criança gosta", continua.

Enquanto Nena acha mais bonito o Boi, Maria acha mais bonito o Bode. Ao invés de falar de toadas, como o Mestre Chico Emília de Quixadá, ela fala de relaxos como versos que são improvisados na cena, mas explica que ambos os termos querem dizer quase a mesma coisa. Ela conta que o nome Boi Estrela veio através do Mestre Piauí e ela não pretende mudar, não sabe a origem ao certo e o que significa, mas ele sempre usou. "Eu acho que devido da ornamentação que a gente faz, no detalhe do Boi as estrelas, cada significado de cada Reisado talvez ele botou e colocou o coração na testa, cada qual tem um significado, o pai foi decorar de estrela, coração, aí significa Boi Estrela, daqui uns dias vou tirar e renovo tudo de novo", diz. Quando ela diz isso, lembro do Mestre Marcelo de Ocara quando diz que o nome do grupo veio justamente do coração na cabeça do Boi Coração. Por falar dos enfeites, Nena diz que nunca deixou de enfeitar os bichos, sempre todo cuidado na hora da matança em não deixar cair no

chão, na hora em que os brincantes jogam o Boi para cima para matá-lo na cantoria das músicas. “As músicas do Reisado são muito bonitas, tem muita musica. É tanto que quando a gente vai se apresentar não dá tempo cantar as música tudo e o Reisado do pai tem muito música, cada bicho desse é uma música diferente e o que leva mais tempo é o Boi”, diz Nena.

Todas as peças do Mestre Piauí ficaram na cabeça dele, tendo apenas um CD que foi gravado. O Mestre Piauí nunca vendeu nenhuma cópia, sempre dava a quem chegasse. Maria Piauí conta que fez recentemente um almoço para os meninos do grupo, após a performance da matança do Boi, reunindo suas colegas no quintal para cozinhar e fazer comida, a exemplo de frango e sarrabulho. Mestra Nena diz que precisa comprar mais brilho para colocar nos bichos, pois o brilho se acaba com o suor dos brincantes na roupa. No final do nosso encontro, depois de Maria Piauí me oferecer um café, pergunto se no grupo tem ou já teve a presença de brincantes LGBTQIAPN+, ela para um pouco, diz que não, mas pensa melhor e fala o nome de um brincante conhecido por Junior. “Não, não. Tem não. Nosso Reisado não tem, Ave Maria, sem preconceito ... Aliás, tem um. O nome dele é Junior. Mas ele brinca, ele não brincou na matança porque viaja muito. Ele é daqui eu acho que tem foto dele. Só tem ele que é assim”. Depois disso, Nena salva meu número no WhatsApp e passa o contato dele.

Antes de ir embora, vejo um quadro de moldura envelhecida no muro do quintal da casa deles, pergunto a Maria Piauí porque aquela imagem do Sagrado Coração de Jesus está ali e ela conta que aquilo faz parte da proteção do muro. “Esse quadro eu boto aí pra guardar meu muro Coração de Maria, Coração de Jesus, São Francisco das Chagas, isso é tão velhinho...”, reflete. Mestra Nena me pede desculpas por ser tímida, ao dizer que não gosta muito de falar em entrevistas, mas sua mãe cobra postura de Mestra para ela. “Ela deu graças a Deus eu chegar! A dona do Reisado agora é ela!”, comenta. Quando elas perguntam como eu acertei o endereço, digo que foi um mototaxista que veio até lá comentando sobre o Mestre Piauí. Elas dizem que muita gente ainda trata dele como se ainda fosse vivo. “Na casa do seu Piauí, do Mestre Piauí, não considera que ele faleceu, muito difícil a pessoa dizer falecido Piauí”, diz Nena. E, a sua mãe, logo remata: “e eu detesto a palavra viúva”.

“Meu avô me ensinou a sorrir”: saberes trans e as tradição do Boi

Depois que subi na garupa da moto de Cícero na rua da casa do Mestre Piauí, ele perguntou para onde eu queria ir. Sem saber ao certo, ele me sugere vários lugares de cunho turístico para conhecer, como o Memorial Antônio Conselheiro e a Ponte Metálica, antiga ponte da estrada de ferro. Porém, quando ele pergunta se a entrevista rendeu e eu digo que sim, sugere que talvez eu tenha que conhecer a Secretaria de Cultura e Turismo da cidade, pois lá poderia colher mais informações institucionais do grupo e ainda almoçar em algum lugar do centro. Ele tinha razão. Peço para ele me deixar lá e não tinha ideia do quanto seria importante essa visita, sobretudo, pelo encontro inesperado com Salviano Neto, Secretário dessa pasta em Quixeramobim. Ele para a motocicleta na Rua Abílio Silva e aponta para qual direção devo ir. Quem fez esse campo para mim, foi totalmente Cícero que abriu as cartografias com sua moto sem ao menos eu conhecê-lo.

Ao chegar em direção a Secretaria, um jovem rapaz de camisa branca social me oferece ajuda. Quando me apresento, digo que sou do Crato e falo da pesquisa, destacando que venho da casa do Mestre Piauí, ele se surpreende e diz que iria me indicar os filhos dele. Quando pergunta se encontrei algum brincante LGBTQIAPN+ no grupo, afirmo que apenas um. Ele estranha e diz que viu na última performance de matança do Boi mais alguém que era familiar da comunidade *queer* na Praça da Matriz. No momento, suponho que talvez seja Junior, mas ele diz que viu uma mulher, ainda que não lembre o nome dela. Ao rever as fotografias oficiais do evento no seu celular, ele encontra e relembra quem era a brincante que vi. Era Laura Karielly, uma neta trans do Mestre Piauí. Ele fala que apesar de não ter seu contato, talvez seja fácil encontrá-la nas redes sociais, embora ele ache que ela não mora mais em Quixeramobim, estando sempre entre Fortaleza e outros lugares circunvizinhos.

Procuro pelo nome dela no Instagram e encontro o seu perfil. Ao descer seu *feed*, vejo sua terceira foto publicada no dia 18 de março de 2019, no dia do falecimento do avô com uma legenda de despedida. Eu vejo os seus últimos *stories* e peço para segui-la. Enquanto isso, continuo conversando com Salviano Neto que me apresenta um pouco as salas da Secretaria de Cultura e um pouco do acervo exposto naquele período entre exposições de fotografias e a própria história dos grupos de tradição do município. Ele me leva até uma sala onde está ocorrendo uma oficina de

flores artificiais e depois pergunta se eu não quero conhecer outro lugar, já tinha vindo de tão longe somente para falar com o Mestre Piauí. Neto me oferece um café, entrega o capacete da sua moto e fala que vai me mostrar Quixeramobim. De novo, eu estava em cima de uma moto apenas aberto ao encontro e acompanhando as cartografias feitas pelas interlocuções do campo. Agora, na garupa do Secretário de Cultura de Quixeramobim. Era próximo de meio dia quando ele transita comigo pelo centro, apontando para os principais lugares e narrando um pouco de cada história.

Primeiro, Neto me leva para a Ponte Metálica. Diz que historicamente a cidade foi construída de frente para a Igreja da Matriz e de costas para o rio. Inaugurada em 1899, a ponte foi construída na Bélgica e fazia o prolongamento da Estrada de Ferro de Baturité que ia em direção ao Cariri, no Sul do Ceará. Hoje, ela serve de passarela dos pedestres que fazem o translado entre a periferia e o centro da cidade, sendo uma divisão no meio de Quixeramobim. Em seguida, ele passa de frente à antiga casa onde nasceu o líder peregrino e religioso Antônio Conselheiro que atraiu seguidores ao Arraial de Canudos, sendo hoje o lugar do Memorial Antônio Conselheiro que foi construído em 1997, justamente no ano do centenário da Guerra de Canudos. Por último, ele me leva ao cemitério municipal para conhecer a de Capela Nossa Senhora do Carmo, dedicada à santa em 1869, que chama atenção por ter o formato circular. Em um breve percurso pelo cemitério, ele conta algumas lendas e histórias locais, me levando até o túmulo de uma moça que foi engolida por uma onça se tornou um tipo de santa, cultuada em Dia de Finados por promessas, sendo uma marca no seu jazigo duas patas felinas entre sua foto. Depois desse breve percurso, Neto ainda passa na Câmara Municipal de Quixeramobim para me mostrar a arquitetura da antiga cadeia que hoje é o espaço do Poder Legislativo da cidade.

Ao se aproximar do meio dia, Neto fala que precisa voltar para Secretaria e me indica um lugar para almoçar. Quando me sento na cadeira e peço o almoço em quiosque de rua, chega uma mensagem de Laura Karielly. Ela fala que apesar de se empolgar com a pesquisa não estava disposta a me receber pelo cansaço e pergunta se podemos continuar a conversar pelo WhatsApp ou remarcar nosso encontro em Quixeramobim. Como eu não tinha mais tanto tempo na cidade, já que ela queria conversar

nos próximos dias, salvo o seu número e começamos nosso diálogo que possivelmente continuaria após o almoço. Antes de voltar para Quixadá e pegar o ônibus de volta para a capital Fortaleza, caminho por algumas igrejas da cidade, observando o cotidiano da feira e o fluxo das pessoas. Sigo a pé até a rodoviária e entro em um dos transportes que estão com as portas abertas e com vagas para passageiros no sentido de retornar para a cidade onde estava com Mestre Chico Emília. Era quase 13h quando desembarco em Quixadá.

Pela noite, quando já estava em Fortaleza, Laura Karielly puxa conversa comigo, às 21h. Com 25 anos, Laura começa falando da sua trajetória no Boi Estrela do seu avô. “Eu comecei a brincar eu tinha 7 anos de idade e meu personagem era dançar debaixo de uma Ema que era o segundo animal do Reisado, também cantei na cabeça do Boi quando eu era menino e hoje sou uma mulher trans”, explica. Quando fala sobre o que aprendeu com o seu avô, ela enfatiza o papel do sorriso do corpo brincante na performance. “Com meu avô aprendi várias coisas, eu aprendi a sorrir, a ser feliz, a minha infância foi toda no mundo do meu avô, foi uma infância maravilhosa, aprendi coisas lindas e muitos ensinamentos dele que me fez ser educada, uma pessoa respeitada porque ele era uma pessoa muito respeitada e eu aprendi isso, entendeu?”.



Figura 5: Laura, neta do Mestre Piauí como índia na Casa de Saberes Cego Aderaldo–Quixeramobim | (Arquivo pessoal) 2024.

É muito interessante como Laura Karielly fala do legado do seu avô não apenas pela forma como ele aparece na cidade, mas pelo contexto com que ela através dele pode ser vista enquanto brincante e neta, passando os saberes dele para ela por meio do corpo, sendo que esses mesmos corpos são tidos e lidos de diferentes maneiras no encontro que permite com Laura faça do seu avô um caminho de passagem, uma matança mesmo, para se referir ao ato performático do Boi, de barreiras do tempo que constituem esses lapsos do corpo performado. Ela diz que nunca teve problema em participar do Reisado do seu avô, embora tenha realizado a transição de gênero depois que conheceu a brincadeira. "Eu percebo que não há diferença entre nenhuma pessoa, entendeu? Tipo, em questão do Reisado do meu vô, não tem preconceito, não tem diferença, não difere com nenhum, vejo uma normalidade ótima", conta. Dessa forma, vejo a participação de Laura Karielly a partir de uma sensibilidade emergente e pelos afetos *queer*, nos termos de Lopes (2016), sobretudo, na forma como sua vivência pode ecoar pelas torções do próprio *queer* diante dos saberes trans performatizados na tradição local, o que aproxima mais de uma noção transloca que, segundo La Fountain-Stokes (2021), é mais cuir do que *queer*, se entendemos os saberes travestis e transgêneros a partir da perspectiva latino-americana.

Dessa forma, há uma realeza transloca entre tempos e no meio de nós, encenada pelo corpo trans na cultura popular como uma forma de resistência. Por isso, vejo que uma estética queer como um modo de vida (Lopes 16) toca na cena das artes das dissidências sexuais e de gênero (Colling 1) e se relacionam com as "reXistências" (Grunvald 9) como uma forma de amalgamar os sentidos entre resistência e da "a construção de eus, outros, assim como a significação das palavras, é tributária de um sentido encarnado e situacional que depende não apenas de contextos no qual estes atores estão inseridos, mas, igualmente, das corpas de enunciam esses sentidos" (Grunvald 11). "Assim, não houve algum problema porque eu ainda não era trans quando eu entrei pro grupo, eu era uma criança, como eu te disse, desde a minha infância que brinco no Reisado do meu vô", diz. Quando eu digo que recebi as fotos da última performance da matança do Boi, ela fala que foi uma noite entre fogos de

artifício e lágrimas de saudade. “Sobre o cortejo foi a coisa mais linda, sabe? A gente ia passando, o povo nas calcadas, batendo palma, chorando de emoção, de felicidade, em saber que a gente tinha dado continuidade ao Reisado do meu vô. Fogos de artificio, as pessoas cantando as musicas dele, foi lindo, lindo, lindo”, finaliza.

Uma outra linhagem transloca da tradição?

Ao reescrever esse trabalho e priorizar o trabalho de campo em detrimento ao próprio referencial teórico, mobilizo os sentidos desde a escuta da voz de Laura Karielly e o que ela desperta nos enredos da tradição. Naquele ano, já em Fortaleza tentei imaginar como ela cresceu na casa do avô e de que forma ela aprendeu os gestos dele incorporados. Não seria uma outra linhagem queer, talvez menor e em seus sentidos próprios transviada, que orienta o trabalho dela na cultura popular? Até que ponto falar de tradições *queer* faz sentido no contexto cearense, nordestino e brasileiro? São questões que não me apresso para responder, pois sei que essas notas continuam para além deste texto, mas que movem meus olhares para sensibilidades emergentes e outros afetos que convocam o ancestral.

Se não fosse por Cícero, o mototaxista que primeiro me encontrou dentre tantos outros naquela rodoviária, eu estaria conversando com ela? Aliás se não fosse a garupa na moto de Neto, Secretário de Cultura, eu a encontraria? Se Neto não tivesse se afetado com minha presença, talvez eu não estivesse ali. Não tive tempo de conversar com Mestre Piauí, mas Nena continua um legado e faz da existência dele uma forma não só existir, mas de persistir. Por isso, acredito que seja interessante falar de uma reXistência como forma de localizar os enredamentos do saber trans nas culturas tidas como tradicionais e populares. A performance de Laura Karielly mostra o envolvimento com tradições que por uma lente transloca oferece um horizonte interessante para pensar a tradição como o seu próprio corpo encenado e apresentado, ou seja, encantado.

Notas

[1.] Trabalho desenvolvido com apoio da FAPERJ e da CAPES-PrInt.

[2.] Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha, Caririaçu, Potengi, Milagres, Canindé, Ocara, Quixadá, Quixeramobim, Guaramiranga, Senador Pompeu, Meruoca, Maracanaú, Limoeiro do Norte, Granja, Sobral, Missão Velha, Russas, Quixeré e Fortaleza.

[3.] LGBTQIAPN+ é uma sigla para pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneras, *queers*, intersexo, assexuais e agêneras, pansexuais, não-binárias.

Agradecimentos

Agradeço a Laura Karielly pela possibilidade de aprender com a sua experiência na cultura popular, a Mestra Nena e a Maria Piauí pela recepção naquela manhã e a Neto por ter aberto caminhos de pesquisa em Quixeramobim. Aproveito e reforço que sem as leituras do meu orientador Denilson Lopes e coorientador Larry La Fountain-Stokes não desenvolveria esse percurso, principalmente, pela leitura de Vi Grunvald que fez parte da minha banca e me fez questionar o caminho pelos artivismos.

Referências

Albuquerque Junior, Durval Muniz de. *Feira dos mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (Nordeste 1920-1950)*. São Paulo, Intermeios, 2013.

Barroso, Oswald. *Teatro como encantamento: bois e reisados de caretas*. Fortaleza, Armazém Cultural, 2013.

Benjamin, Walter. *Origem do drama barroco alemão***.** São Paulo, Ed. Brasiliense, 1984.

Bento, Berenice. *Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos*. Salvador, Edufba, 2017.

Cardoso Filho, Jorge. "Uma matriz comunicacional da sensibilidade". In: Mendonça, Carlos Magno Camargos e Duarte, Eduardo e Cardoso Filho, Jorge. (Ed). *Comunicação e sensibilidade: pistas metodológicas*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2016.

Colling, Leandro. "Fracasso, utopia *queer* ou resistência?: Chaves de leitura para pensar as artes das dissidências sexuais e de gênero no Brasil". *Conceição/Conception*, 10, (2021): 1-22.

Deleuze; Gilles e Guattari, Félix. *O que é filosofia?* Rio de Janeiro, Editora 34, 1992.

Foucault, Michel. *História da sexualidade 2:* O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

Freitas, Dora e Furtado, Sílvia. *O Livro dos Mestres – o legado dos Mestres: cultura e tradição popular no Ceará.* Fortaleza, Fundação Waldemar Alcântara, 2017.

Grunvald, Vi. "Terrorismos e pontes do musicar local: Linn da Quebrada e seu artivismo de reXistência e desidentificação". *Revista de Antropologia*, 65, (2022): 1-23.

La Fountain-Stokes, Lawrence. *Translocas: the politics of puerto rican drag and trans performance*. Ann Arbor, University of Michigan Press, 2021.

Lopes, Denilson. Afetos. "Estudos *queer* e artifício na América Latina".*E-Compós*, 19. 2, (2016): 1-16.

Rancière, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo, Ed. 34, 2005.

Rolnik, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo, Estação Liberdade, 1989.

Sodré, Muniz. *Pensar nagô*. Petrópolis: Vozes, 2017.